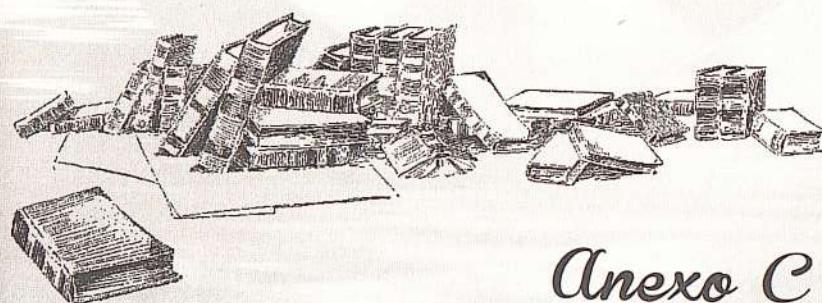


Num dos bordos haverá um cartão resistente para designar as letras e os algarismos inscritos no quadro. Esse quadro é constituído por uma folha de papel resistente, com as dimensões de quarenta e cinco por trinta, no qual se inscrevem, em duas linhas, as letras do alfabeto suficientemente distanciadas umas das outras. Uma terceira linha é reservada para os algarismos de zero a dez. Por baixo dessa terceira linha são inscritas as palavras "sim" e "não", à direita do quadro. A prancheta só necessita de um médium e de uma única mão - e é assim que se obtém os melhores resultados, conquanto certos experimentadores não consigam utilizá-la senão com duas pessoas que pousem a mão perto uma da outra. O quadro é colocado em cima de uma mesa: o médium pousa a mão estendida na parte inferior direita do alfabeto. É indiferente pôr uma ou outra mão. É nessa atitude que se aguarda que a prancheta se move. (...) quando a prancheta está prestes a mover-se, o médium sente, geralmente, um formigamento no braço, no pulso ou nos dedos. O aparelho, então, dirige-se para as letras suscetíveis de formar palavras e, depois, frases. A prancheta necessita de muito pouco fluido e o médium não sente a menor fadiga. (...) O uso assíduo da prancheta é um bom caminho para a mediunidade de incorporação. (...) Prancheta, no sentido espirítico, é galicismo, pois provém do nome de seu inventor, Planchette, espirita francês que, em 1853, teve a feliz ideia da invenção do dispositivo mediúnico."

Wanda Amorim Joviano

Organizadora

Nota da organizadora: PRANCHETA. In: PAULA, João Teixeira de. Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1970. p. 71-73. Texto constante da obra Deus conosco (VINHA DE LUZ, 3. ed., 2010), às p. 49-50.



Anexo C Sobre Júlia Pêgo de Amorim

Júlia Pêgo de Amorim

Entre as grandes provações que afligem a humanidade, a prova da cegueira é uma das mais dolorosas. O cego possui apenas o mundo interior e um tato altamente desenvolvido, uma das compensações dadas por Deus que é vedada aos videntes. Os cegos sentem o aroma das flores e dos frutos, a brisa do mar e o calor do sol, sentem as diferentes sensações que a natureza oferece, porém não podem contemplar a constelação estelar, nem um raio de luar, o mundo das cores e das formas a não ser pelo contato e pela sensibilidade grandemente desenvolvidos.

O cego, porém, no seu mundo, é feliz, um ser humano como outro qualquer. O que é necessário é que os videntes transformem a piedade em ajuda prática, encarando-os como criaturas capacitadas para viver e ser feliz, tanto quanto o vidente.

No Brasil, quatro extraordinárias mulheres dedicaram-se ao bem-estar dos cegos, de alma e coração, realizando trabalho pioneiro pelo alfabeto Braille, transcrevendo para esse sistema inúmeros livros, alfabetizando cegos e videntes, qual verdadeiras sacerdotisas

do bem. Foram elas: D. Engrácia Ferreira, D. Júlia Pêgo de Amorim, D. Benedita Mello e D. Balbina de Moraes, pioneiríssimas na transcrição do livro espírita em Braille. É de D. Júlia Pêgo de Amorim que vamos falar nesta despretensiosa minibiografia.

D. Júlia Pêgo de Amorim nasceu no Rio de Janeiro, quando ainda capital do Império, no dia 15 de setembro de 1879, sendo primogênita do Marechal Antonio José Maria Pêgo Junior e de D. Júlia Amália da Silva Pêgo. Em 1894, terminava o curso primário, sendo matriculada na antiga Escola Normal do Distrito Federal, onde diplomou-se em professora primária no ano de 1898, quando foi designada professora-adjunta para a Escola Basílio da Gama. Posteriormente, ocupou o cargo de diretora de Música da Escola Normal. Estagiou na Escola Benjamin Constant e foi nomeada diretora da Escola de São Cristóvão, então 6º Distrito Escolar. Contraiu núpcias com o Dr. Aurélio de Amorim no dia 28 de outubro de 1899. O seu esposo era oficial do Exército, gozando grande prestígio na política do Rio de Janeiro. Concorreu às eleições e foi eleito deputado federal pelo seu Estado natal, o Amazonas. Desse matrimônio, nasceram seis filhos: Maria, Aurélia, Armando, Aramis, Mário e Iacy. Visando o conforto e o bem-estar da grande amada, Dr. Aurélio alugou o antigo solar do Barão do Amparo, no Alto da Boa Vista.

Notando a ausência de escolas naquela localidade, D. Júlia empenhou-se junto à Prefeitura Municipal para que ali se fundasse uma. De acordo com o jovem esposo, cedeu uma das salas do solar para que funcionasse a primeira escola do Alto da Boa Vista e da qual foi nomeada diretora.

Diante da afluência de alunos, a Prefeitura do Distrito Federal fez construir, mais tarde, a Escola Primária Menezes Vieira, ainda hoje existente no populoso bairro. Em 1915, é nomeada diretora da Escola José de Alencar, próxima do Largo do Machado, dirigindo esse estabelecimento de ensino até 22 de outubro de 1919, quando foi jubilada no cargo de catedrática. Sempre pensando em ser útil, tornou-se, mais tarde, o expoente máximo da dedicação aos cegos.

No dia 21 de abril de 1937, desencarna, no Rio de Janeiro, sua tia D. Engrácia Ferreira, veterana cultora do Braille, que, em vida, manteve permanente campanha para o bem-estar dos cegos. D. Engrácia foi abnegada seareira espírita, pioneira da transcrição do livro espírita para o Braille. Por várias vezes, animou a sua sobrinha para essa meritória tarefa. Menos de um mês da sua desencarnação, no dia 6 de maio de 1937, comunica-se por intermédio de Chico Xavier, dando uma mensagem dirigida à D. Júlia Pêgo de Amorim, na cidade de Pedro Leopoldo (MG). Onze dias depois, Chico Xavier recebe a segunda mensagem pelo sistema Braille, cuja mensagem foi publicada no “Reformador” do mês de junho de 1938, às páginas 172-175. Em 16 de novembro de 1938, transmite a terceira mensagem dirigida à D. Júlia, sugerindo que transpusesse para o Braille determinado dicionário de Português e, nesse mesmo ano, veio a quarta mensagem, dando provas incontestes de sua identidade. D. Engrácia Ferreira deixou várias obras transcritas para o Braille e uma por terminar.

D. Júlia Pêgo de Amorim, pegando certo dia nas páginas escritas dessa obra inacabada, imaginou terminá-la

e o seu desejo se materializou de tal forma que aprendeu sozinha o alfabeto Braille, copiando letra por letra. Certificando-se de que estava certo, prosseguiu e tirou a prova, solicitando a um cego que lesse o que estava escrito. Satisfeita com o resultado, em pouco tempo estava senhora do assunto, transformando-se numa verdadeira missionária.

Em 1938, reuniu em sua casa pessoas interessadas nessa obra de altruísmo e começou a praticar e a ensinar o Braille. Em fevereiro de 1939, atendendo ao apelo espiritual de sua tia, resolveu iniciar a transcrição do Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, primeira edição (1938), da Civilização Brasileira S/A Editora, de autoria de Hildebrando Lima e Gustavo Barroso, cuja transcrição levou quatro anos de intermitentes trabalhos, dando, ao todo, 64 volumes. Em setembro de 1943, Chico Xavier recebe a quinta mensagem do espírito de Engrácia Ferreira, agradecendo à sobrinha o atendimento de seu apelo e o valioso trabalho em prol dos cegos. D. Júlia Pêgo de Amorim iniciou um curso gratuito de Braille, no centro da cidade, visando, com esse curso, maior número de colaboradores para a grande tarefa. Fez um apelo através do rádio e foi procurada pelo confrade Manoel Jorge Gaio, fundador da Instituição Marieta Gaio, que se ofereceu para auxiliar financeiramente a obra. Com esse incentivo, pôde dar início à transcrição do aludido dicionário, recebendo, algum tempo depois, a colaboração das senhoras Maria Pêgo Santos, Maria Amorim Joviano e Zulmira Feital Cavalcante de Freitas. Graças à inestimável colaboração dessas valorosas senhoras, concluiu a obra em menor tempo. Em 14 de julho de 1943, ofertou o dicionário, pronto

e encadernado, ao Instituto Benjamin Constant. Entre a grande bibliografia transcrita estão: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec (3 volumes), doados à Federação Espírita Brasileira, *Pequenas mensagens*, de Emmanuel (3 volumes), *Voltei*, de Irmão Jacob (3 volumes), *Catecismo espírita* (1 volume), *Agenda cristã*, de André Luiz (1 volume), todos doados à Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille (Spleb). Além de livros importantes como *A moreninha*, *A vida de Helen Keller*, *A ilha de John Bull*, *Música ao longe*, *Contos policiais*, *Jornal e pensamentos de cada dia* (de Elisabeth Leseur), *Manual de análise léxica e sintática*, *Estatutos da Associação dos Servidores Públicos* e muitos outros, todos doados às grandes instituições de cegos do Brasil. Sua obra em Braille sobe a mais de 90 volumes.

D. Júlia Pêgo de Amorim, inteiramente integrada na campanha do bem-estar dos cegos, tomou parte ativa na fundação de várias instituições especializadas nesse sentido, como a Sociedade dos Amigos Cegos, Instituição das Cegas Helen Keller e outras, inclusive fazendo parte de várias diretorias, patrocinando inúmeras campanhas pró-sedes próprias, promovidas por damas da melhor sociedade do Rio de Janeiro, que ela arregimentava. Recebeu inúmeras condecorações pelos serviços prestados aos cegos.

No dia 11 de novembro de 1952, perdeu o seu idolatrado esposo, amigo incondicional de todas as horas, Dr. Aurélio de Amorim, então reformado no posto de general do Exército. Foi convidada pelo Marechal Mário Travassos para a Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille, da qual se

fez verdadeiro baluarte, sendo eleita para o seu conselho deliberativo, exercendo vários cargos. Pronunciou inúmeras conferências públicas, tanto na parte espírita quanto na profana, inclusive na Associação Brasileira do Instituto Benjamin Constant. No dia 18 de fevereiro de 1965, foi agraciada com o diploma de Honra ao Mérito por proposta do Conselho Nacional para o Bem-estar dos Cegos.

D. Júlia Pêgo de Amorim, mulher extraordinária, exemplo de esposa, de mãe de família, de mestre e de espírita jamais esmoreceu em sua caminhada luminosa, criando um conceito novo na sociedade de que o cego não precisa de esmola, necessita de educação e preparação para que possa viver uma vida digna e feliz como todos os seus irmãos em humanidade. A sua desencarnação ocorreu no Rio de Janeiro, aos 29 de novembro de 1974, aos 95 anos de idade, dos quais 37 anos dedicados à Doutrina Espírita e ao Braille. Deixou exemplos dignificantes do quanto vale estender o Evangelho de Jesus, separando a letra que mata do espírito que vivifica, ficando a fé raciocinada que só a Doutrina Espírita nos faz compreender.

Antônio de Souza Lucena

Nota da editora: original sem dados tipográficos.



JÚLIA PÊGO DE AMORIM

Entre as grandes provações que afligem a humanidade, a prova da cegueira é uma das mais dolorosas. O cego possui mente desenvolvida e um fato altamente desenvolvido: a fé, que é a evidência das promessas dadas por Deus que é verdade evidente. Os cegos sentem o aroma das flores e das frutas, a brisa do mar e o calor do sol, sentem as diferentes sensações que a Natureza oferece, porém não podem contemplar a constelação estelar nem um raio de luz, o mundo das cores e das formas a não ser pelo contato e pela sensibilidade grandemente desenvolvidas.

O cego porém, no seu mundo, é feliz, un ser humano como outro qualquer. O que é necessário é que osvidentes transformem a piedade em ajuda prática, encarando-os como criaturas capacitadas para viver e ser felizes, tanto quanto o vidente.

No Brasil, quatro extraordinárias mulheres dedicaram-se ao bem estar dos cegos, de alma e coração, realizando trabalho pioneiro pelo alfabeto Braille, transcendendo para esse sistema inúmeros livros, alfabetizando cegos e videntes, quin verdadeiras sacerdotisas do bem. Foram elas: dona ENGRACIA FERREIRA, dona JULIA PEGO DE AMORIM, dona BENEDITA VIEILO e dona BALDINA DE MORAES, plurimissimas na transcrição do Livro Espírita em Braille. É dona JÚLIA PEGO DE AMORIM que vamos falar neste despretensioso mini-biografia.

Dona JÚLIA PEGO DE AMORIM, nascida no Rio de Janeiro, quando ainda capitál da Império, em 15 de setembro de 1879, sendo primogênita de Marechal Antônio José Pêgo Júnior e dona Júlia Amália da Silva Pêgo. Em 1894, terminava o curso primário, sendo matriculada na antiga Escola Normal do Distrito Federal, onde diplomou-se em professor de latim. Em 1898, quando foi despedida da professora Adjunta para a Escola Basílica do Góis, imediatamente, ocupou o cargo de Diretora de Vésica, da Escola Normal. Estagiou na Escola Benjamin Constant e foi nomeada Diretora da Escola São Cristóvão, então Distrito Escolar. Contraiu nupcias com o Dr. Aurélio d'Amorim, no dia 18 de outubro de 1899. O seu esposo era filho do Marechal Antônio José Pêgo, grande presidente da província do Rio de Janeiro, conhecido como "o eleitor e fidalgo Deputado-Estatual"; nas eleições seguintes, integrou o Legislativo Federal pelo então Estado natal, Amazonas. Desse matrimonio nascem seis filhos: Maria, Aurélia, Armando, Arânia, Mário e Iacy. Visando o conforto e o bem estar da grande amada, Dr. Aurélio, abriu um ateliê gratuito de bordado, no alto do Alto da Vista, situando a mesma de escolas naquela localidade, dando 15.300 reais ao seu marido, que se destinou a administrar o ateliê à Prefeitura Municipal, para que ele se fundasse uma. De acordo com o seu esposo, cedeu uma das salas do ateliê para que funcionasse a primeiríssima sede do Ateliê da Boa Vista e da qual foi denominada diretora.

Dante da aflição de alunos, a Prefeitura do Distrito Federal, fez construir naquele local, a escola Primária "Nunes

Vieira", ainda hoje existente no populoso bairro. Em 1915, é nomeada Diretora da Escola "José de Alencar", próxima ao Largo do Machado, dirigindo esse estabelecimento de ensino até 22 de outubro de 1919, quando foi julgada no cargo de catedrática; sempre prestando em ser útil, tornou-se, mais tarde, o expoente máximo da dedicação aos cegos. No dia 21 de abril de 1937, desencarna, no Rio de Janeiro, sua filha dona ENGRACIA FERREIRA, veterana cultora do Braille, que, em vida, manteve permanente companhia para o bem-estar dos cegos. Deve-se mencionar que a almejada fraterna espírita, plausível na transcrição do Livro Espírita para o Braille. Por várias vezes animou a sua sobrinha para essa meritória tarefa. Menos de um mês da sua desencarnação, no dia 6 de maio de 1937, comunica-se, por intermédio de Chico Xavier, dando uma mensagem dirigida à dona JÚLIA PEGO DE AMORIM, que a edição de Pedro Leopoldo (MG); 11 dias depois, Chico Xavier recebe o segundo mensageiro para o Braille, cuja mensagem foi publicada no "Reformador", do mês de Junho de 1938, às páginas 172 e 175. Em 16 de novembro de 1938, transmite a 3ª mensagem dirigida à dona JÚLIA, superindo que transcrever para o Braille determinado Dicionário de Palavras e, nesse mesmo ano, no mês de dezembro, a 4ª mensagem, dando provas incontestes de sua identidade. Dona ENGRACIA FERREIRA deixou várias obras transcritas para o Braille e uma por terminar. Dona JÚLIA PEGO DE AMORIM, pegando certo dia nas páginas escritas dessa dona, sentiu que havia alguma ferradura e o seu desuso se materializou tal forma, que aprendeu sozinha o alfabeto Braille, copiando letros por letros, certificando-se que estava certo, prosseguia e tirava a prova solucionando a um cego que leste o que havia escrito. Satisfeita com o resultado, em pouco tempo estava senhora de si, e, transformando-se numha verdadeira matrona. Em 1940, reuniu, em sua casa passos interessados nessa obra de altruismo, começou a praticar e a ensinar o Braille. Em fevereiro de 1939, standendo ao apelo espiritual de sua filha, respondeu iniciar a transcrição do "Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa", 1ª edição (1938) da Civilização Brasileira S/A Editora, de autoria de Ildefonso Góes, que, naquela época, já tinham sido leitos quinto anos de extensíssimos trabalhos, dando no total 64 volumes. Em setembro de 1943, Chico Xavier recebe a 5ª e última mensagem do espírito de ENGRACIA FERREIRA, agradecendo à sobrinha a atendimente de seu apelo e o valioso trabalho em prol dos cegos. Dona JÚLIA PEGO DE AMORIM iniciou um ateliê gratuito de Braille, no centro da cidade, visando, com esse curso, maior número de colaboradores para a grande tarefa. Fazendo um apelo através do rádio e foi procurada pelo confrade Manoel Jorge Gaió, fundador da Instituição "Marieta Gaió", que se ofereceu para auxiliar financeiramente a obra. Com esse incentivo, pôde dar início à transcrição do alfabético diccionário, que, quase um tempo depois, a colaboração das senhoras Maria, Tânia Santos, Maria Amorim Juviziano e Zulmira Feitosa Carvalho de Freitas. Graças à

inestimável colaboração dessas valorosas sehoras, conclui a obra em pouco tempo. Em 14 de julho de 1943, ofereceu o Distrito Federal, prêmio e encadernado, no localizado Braille "Constant". Entre a grande bibliografia transcrita, destaca-se o "Evangelho segundo o Espiritismo" de Alain Kardec (3 volumes) doados à Federação Espírita Brasileira; "Pequenos Alienação" de Emmanuel (3 volumes); "Volfel" do Irmão Jacobi (3 volumes); "Catecismo Espírita" (um volume); "Agenda do Crédito" de André Luiz (1 volume), tudo devido à Sociedade Pró-Livro Espírita em Brasília - SLEB. Além de livros importantes como: "A Moradia", "A vida de Hebe Koller", "A Ilha de John Bull", "Música no longe", "Contos Pollicais", "Jornal e Pensamentos de Cada Dia" (de Eliseu Belo Leseur), "Manual de Análise Léxica e Sintática", "Estatutos da Associação dos Servidores Públicos" e muitos outros, todos durante a campanha de alfabetização de cegos do Brasil. Sua obra em Braille, sobre a mala de 90 volumes. Dona JÚLIA PEGO DE AMORIM integralmente integrada na campanha do bem-estar dos cegos, tomou parte ativa na fundação de várias instituições especializadas nesse sentido, como: "Sociedade dos Amigos dos Cegos", "Instituição dos Cegos", "Salão das Artes" e inúmeras feiras fazendo parte de várias diretorias, patrocinando inúmeras campanhas predes-próprias promovidas por distas da melhor sociedade do Rio de Janeiro, que ela arregimentava. Recebeu inúmeras condecorações pelos serviços prestados aos cegos.

No dia 14 de novembro de 1952, perdeu o seu marido, esposo, amado, incondicional de todas as horas, Dr. Aurélio d'Amorim, então reformado posto de General do Exército. Foi consolada, pelo Marechal Mário Travassos, pelo Dr. Góes, da SLEB, da qual se fez verdadeiro homenagem, sendo eleito para o Conselho Deliberativo, exercendo vários cargos. Promoveu inúmeras conferências públicas, tanto na parte espírita, quanto profana, inclusive na Associação Brasileira de Imprensa e no salão auditório do Instituto Benjamin Constant. No dia 18 de fevereiro de 1965, foi agraciada com o Diploma de Honra ao Mérito, por proposta do Conselho Nuclear para o Brasil. Entregue por Chico Xavier.

Dona JÚLIA PEGO DE AMORIM, mulher extraordinária, exemplo de esposa, de mãe de Família, de mestre e de espírita, jamais esmoreceu em sua caminhada luminosa, criando um conceito novo na sociedade, de que o cego não precisa de esmola, necessita de educação e preparação, para que possa ter uma vida útil e feliz, como todos os irmãos em humanidade. A sua desencarnação ocorreu, no Rio de Janeiro, no dia 29 de novembro de 1974, aos 95 anos de idade, dos quais 37 anos dedicados à Doutrina Espírita e ao Braille. Deixou exemplos dignificantes do quanto vale entregar o Evangelho de Jesus, separando a letra que mata do espírito que vivifica, ficando a fé racionalizada que só a Doutrina Espírita nos faz compreender.

Antônio de Souza Lucena.

editora
DIDIER

Rua Leonardo Commar, 3.179
Pozzobon | 15503-023 | Votuporanga | SP
Tel./Fax: (17) 3426-8590
www.editoradidier.com.br – didier@terra.com.br



SERVIÇO EDITORIAL



Av. Álvares Cabral, 1777 | 20º andar | Sala 2006
Santo Agostinho | 30170-001 | Belo Horizonte | MG
Tel.: (31) 2531-3200 | 2531-3300 | 3517-1573
www.vinhadeluz.com.br – informacoes@vinhadeluz.com.br
www.casadechicoxavier.com.br – casadechicoxavier.pleopoldo@gmail.com

Lis Gráfica e Editora Ltda.
Rua Felício Antônio Alves, 370
07175-450 – Guarulhos – SP – Brasil
Tel.: (11) 3382-0777
www.lisgrafica.com.br – lisgrafica@lisgrafica.com.br

"(...) Do lado de cá avulta ao espírito a necessidade do cumprimento dos deveres cristãos e nos vem um desalento por não tê-los cumprido. (...)"

Júlia Amália da Silva Pêgo
20 de novembro de 1935

"(...) A vida terrena é essa preparação laboriosa para o infinito (...)"

Júlia Amália da Silva Pêgo
17 de maio de 1939

"(...) nossos erros e virtudes são nossas bagagens que nos desonram ou significam (...)"

Amélia Amorim
5 de março de 1941

"(...) A vida aqui, igualmente, não é um lago de água parada e sim um rio, cuja correnteza nos obriga a pensar e aprender, e trabalhar muito. (...)"

Luiza Xavier – 1986